

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Fome de tudo: a revisitação das ideias de Josué de Castro pelo movimento manguebeat

Renan Vinícius Alves Ramalho

IFRN

renan.alves.ramalho@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Em 2008, no programa *De lá pra cá* na TV Brasil, o jornalista Ancelmo Gois recebia o músico Otto Ferreira. Apesar de a época o manguebeat não ter a força da década anterior, o cantor e percussionista era anunciado como parte da “nova geração de músicos pernambucanos” inspirados por Josué de Castro (OTTO, 2021). Em sequência, após um corte de câmera, com palavras se desgarrando nas curvas dos pensamentos, errático como lhe é peculiar, Otto lembrou:

Quem primeiro falou de Josué de Castro foi Chico Science e Zero Quatro. Eu tinha chegado de Paris e comecei a entender a grandeza desse cidadão brasileiro, nordestino; um cara que... um médico sem ambições econômicas, que estudou a principal doenças, que ele falava: a cronicidade... a fome crônica, essa fome que deixava as populações, principalmente do Nordeste, da gente, muito mal e ele teve essa dadivose (sic) de estudar isso, de... e que hoje tá em dia, tá em voga, tá... quantas populações são afetadas! (OTTO, 2021)

Otto foi um espectador privilegiado do surgimento do manguebeat. Isso porque, após temporada em Paris, onde foi músico de rua, voltou ao Brasil a tempo de ver o alvorecer do movimento e ser o único músico a integrar a percussão das suas duas principais bandas: Mundo Livre S.A. e Chico Science & Nação Zumbi. Nesses dois grupos os vocais eram ocupados, respectivamente, por Fred Zero Quatro e Chico Science, os personagens citados na fala acima e os principais conceituadores do movimento.

O manguebeat surgiu na década de 1990 em Recife como um movimento que desejava retirar a capital do que julgavam ser um marasmo cultural, marcado pela repetição. Contrariavam, portanto, certa visão de folclore que postulava os limites do

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que era possível ser chamado de arte “regional”. Seu nome, grafado inicialmente como *manguebit*, era uma referência ao estuário comum na paisagem recifense e à linguagem de código binário, em que um *bit* representa a menor unidade de informação. Assim, o manguebeat usou a biodiversidade da região costeira dos rios que atravessavam a cidade do Recife como metáfora para a proposição de uma maior diversidade de sons e estilos na cena musical local. Ao mesmo tempo, a referência à linguagem de código binário apontava na direção da abertura para estéticas e diálogos com conteúdos contemporâneos.

Aos *mangueboys*, a lama debaixo de seus pés figurava um código aberto de diversidades que poderia ser decodificado e suas informações usadas numa reprogramação das imagens e sonoridades na direção do projeto que iniciavam. Como insígnia, adotaram uma parabólica fincada na lama (mais uma imagem telemática), no intento de sublinhar a conexão desse projeto com outros espalhados pelo globo, ao mesmo tempo em que se destacava seu “enraizamento” na construção de uma proposta identitária local a partir da paisagem do mangue. Como conteúdo intelectual esses artistas adotaram as ideias de Josué de Castro, tendo por principal fonte o romance *Homens e Caranguejos* (1967).

No presente texto nos debruçaremos sobre o tema central dos escritos de Castro, a fome, com a finalidade de melhor compreender um dos principais substratos do manguebeat. Assim, perseguiremos a “fome” em Castro levando em conta que as reflexões do autor surgiram em um campo complexo em que se cruzavam memórias pessoais, atuação política, engajamento científico e produção literária. A partir disso, pretendemos atestar a hipótese de que a própria dinâmica híbrida de criação conceitual de Josué de Castro conferiu uma maior afinidade de sua produção científica a adquirir significados artísticos, poéticos, algo do que se serviu o movimento manguebeat.

Uma vez que nosso interesse por Castro surge a partir de um interesse primeiro na compreensão do manguebeat, o tipo de análise que faremos considera a forma particular de circulação de conteúdos nesse movimento. Visto que o movimento abraçou aspectos como o “caos” e a “desorganização” enquanto abordagem estética e elementos discursivos, buscaremos um tratamento teórico correspondente.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Em resposta a essas demandas a primeira ferramenta teórica que lançamos mão é o conceito de *topofrenia*, que Robert Tally define como algo que “caracteriza o envolvimento subjetivo com um lugar específico, com o sentido de lugar subjetivo” (TALLY, 2018, p.7). Nessa compreensão o autor tenta conter tanto um sentido de *topofilia*, tal qual definido por Yi-Fu Tuan como um “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (TUAN, 2012, p.19), quanto um sentimento de desconforto espacial. É nesse sentido ambíguo de apreço e desconforto que o espaço do mangue aparece nos escritos de Castro e no conceito do manguebeat. Desse modo o estuário funciona tanto enquanto signo de putrefação e miséria, quanto denotando nascimento, diversidade/riqueza, sentido espacial, aliás, que transbordou noutros aspectos dos escritos de Castro, além da paisagem do mangue.

Em segundo lugar, utilizamos a diferenciação realizada por Blanchot entre a palavra *bruta* e a palavra *essencial*, ao tratar da linguagem no espaço poético. Para esse autor, a fala em estado bruto seria aquela que “não é bruta nem imediata. Mas dá a ilusão de que o é” (BLANCHOT, 1987, p33). Ou seja, seria aquela usada quando os sujeitos querem ser lidos como objetivos, precisos, mesmo quando ignorando as camadas de história e memória que acrescentam subjetividade a essa mesma palavra. Por outro lado, a palavra *essencial* seria a destituída do compromisso de revelar o concreto, tal como a poeta que “faz obra da pura linguagem e a linguagem nessa obra é retorno a sua essência”, e que “cria um objeto de linguagem, tal como o pintor não reproduz com as cores o que é, mas busca o ponto onde as suas cores dão a ser” (BLANCHOT, 1987, p35). Tais categorias nos serão úteis na leitura de objetos de criação, sem que se viole a natureza deslizante que os compõe. Elas nos ajudam, por exemplo, a pensar a duplicidade da palavra em Castro, que serve tanto ao tratado científico quanto à obra ficcional; ou mesmo nos auxilia a entender a forma com que o autor foi utilizado pelo manguebeat sem o compromisso de reproduzir fielmente seus conceitos, mas fazendo uso desses até o ponto onde eles “dão a ser”.

Por fim, considerando essa dinâmica de usos e apropriações de enunciados, recorreremos ao conceito de *disseminação* a partir de Derrida (1997). Ou seja, não buscaremos um sentido de coerência ou linearidade entre os escritos de Castro nem entre esses e o manguebeat. Diferentemente, observaremos o sentido próprio que esses

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

conceitos tomam ao serem *disseminados*, sendo veículo não de volta a um significado original, mas dando vez a novos significados, tomando contorno em outros debates. Da mesma forma, pretendemos notar como as camadas de significado não acompanharam uma lógica crescente, mas transitaram no tempo de maneira não linear – como quando, assim veremos, Castro construiu pra si, a posteriori, uma narrativa sobre a origem do seu interesse pela fome.

2 A REDESCOBERTA DA FOME

Mas isto, já mostrei noutros ensaios que escrevi sobre a fome. Ensaios de natureza científica, de análise sociológica do problema. O que não tinha contado, até hoje, foi o meu encontro com o drama da fome. Hoje, resolvi contá-lo. Não só o encontro, como o pavor que ele me provocou. Tomei conhecimento com o monstro, nos mangues do Capibaribe, e nunca mais me pude libertar de sua trágica fascinação CASTRO, 1967, p. 24).

De formação inicial em medicina, Josué de Castro foi um intelectual interdisciplinar, produzindo estudos de natureza geográfica, sociológica, nutrológica, entre outras, tendo por fator unificador o problema da fome. Tal interdisciplinaridade servia à compreensão que o autor tinha sobre esse problema – como algo além de simples determinação natural. Compreensão essa que fora edificada no decorrer de sua caminhada científica, e a qual atribuía suas origens às experiências remotas da infância.

Sobre o fenômeno da fome, em *Homens e Caranguejos*, romance com tempero biográfico, Castro declara: “o fenômeno se revelou espontaneamente a meus olhos nos mangues do Capibaribe, nos bairros miseráveis da cidade do Recife [...]. Esta é que foi a minha Sorbonne: a lama dos mangues do Recife” (CASTRO, 1967, p.12). Contudo, se nas lamas da capital pernambucana o escritor conheceu o problema da fome, foi em Salvador que iniciou seus estudos em medicina, se transferindo para o Rio de Janeiro, onde adquiriu formação médica em 1929. Diplomado, retornou a Recife com planos de iniciar carreira profissional.

2.1 “A coisa gorou”

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ainda que, como dito, o autor remontasse sua vocação pelo problema da fome aos tempos progressos da infância, fato é que, enquanto profissão, a nutrição surgiu em seu caminho em virtude de imprevistos ocorridos no ano de sua volta à Recife, em 1930. É o próprio Castro que demonstra o aspecto contingente desse processo em entrevista concedida ao jornalista Pedro Bloch, também médico e escritor. Em sua fala lemos:

Ia para a Secretaria da Educação. Olívio Montenegro, Sílvio Rabelo, Gilberto Freyre e outros eram do grupo de José Maria Belo, que ia ser governador. Um cargo na Educação me estava destinado por todos eles. Não houve posse e a coisa gorou. Abri, então, o consultório, para fazer nutrição. Eu, na realidade, queria era ser psiquiatra, mas Ulhoa Cintra tinha dois aparelhos de metabolismo. Me vendeu um. Resolvi fazer nutrição. Um só livro, O tratado, de Umber, figurava na biblioteca. As doenças da nutrição eram cinco na época: obesidade, magreza, diabetes, gota, reumatismo. Como era coisa nova, passei a ter uma clínica brutal, apesar da minha cara de menino, que assustava os primeiros clientes (CASTRO apud MELO, 2007, p.42).

Portanto, ao que tudo indica, o intento de voltar a Recife ocorreu, senão sob condição, pelo menos sob influência de uma promessa de trabalhar na Secretaria de Educação daquela cidade. Isso, afiançado por figuras importantes da intelectualidade pernambucana, dentre os quais destacamos Gilberto Freyre, dado seu prestígio e ingerência nos trabalhos que fundamentaram as identidades nordestinas. Vale destacar, ainda, que o também citado Olívio Montenegro aparece qualificado na mesma entrevista por Castro como um dos melhores amigos que teve, além de sabermos ser ele o prefaciador de *Documentário do Nordeste* (CASTRO, 1957). Todavia, nas palavras de Castro, “a coisa gorou”. O que estaria por trás dessa afirmação seria que, por decorrência da Revolução de 1930, José Maria Belo foi impedido de assumir o governo do estado, rompendo a cadeia de influências que garantiria o cargo de Castro. Foi necessário, então, que o médico buscasse uma alternativa profissional.

Ainda sobre a declaração do autor, notemos que a nutrição não foi apresentada como segunda opção, mas sucedeu à psiquiatria. Como razão para abandonar seu desejo, Castro não apresenta nenhuma grande aspiração humanística ou encontro de afluentes biográficos desaguando em um momento síntese de sua história pessoal. Ao invés disso, um objeto: um aparelho de metabolismo. A isso Castro acrescenta

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

elementos de escalas contrastantes: um único livro, poucas opções de diagnósticos, pouca idade, porém uma “clínica brutal”.

A biblioteca modesta da primeira clínica de Castro refletia o estágio incipiente da nutrição à época. E, ao que parece, tal incipiência fez Castro enxergar maior possibilidade de sucesso na área (em detrimento da psiquiatria) sem que lhe fosse necessário despender recursos financeiros e intelectuais volumosos. Na condição de entrevistado, a narrativa do autor que até em textos científicos valorizava uma escrita criativa, que, por exemplo, buscava na literatura provocações posteriormente traduzidas em estudos bioquímicos, nesse momento parece ceder lugar a um depoente pragmático. Nela, o testemunho parece sugerir uma adequação aos movimentos acidentais de um roteiro imprevisível, encenado frente a um ator impotente. Estaria esse pragmatismo conectado ao sentimento de um jovem que a despeito de sua notável capacidade se sentia, como dito em outro momento da entrevista, “inferior a todos” (CASTRO apud MELO, 2007, p.42)? Essa suspeita se robustece se levarmos em conta os harmônicos biográficos das cordas em que vibram os escritos ficcionais de Josué de Castro.

2.2 A fábrica da fome

Um dos contos que tangenciam aspectos biográficos de Josué de Castro é aquele intitulado, um tanto ironicamente, de “Assistência Social” (CASTRO, 1957, p.41). Nele, o autor narra um dia de trabalho do médico de fábrica, em um roteiro que, a partir da construção de um ambiente anímico vinculado às frustrações pessoais do personagem, acaba por se desdobrar em crítica ao modelo de medicina da época.

O início do enredo se dá na espera do Doutor Félix por um bonde. No sentido topofrênico que estamos perseguindo, notemos que um ponto de espera encerra em si o cruzamento entre tempo e espaço. Cruzamento que pode ser aventado, ainda, na mudança de cor do “chapéu cinzento” do personagem em virtude do encharcamento paulatino causado pela fina chuva, ou, nas palavras do autor, por uma “poeirinha d’água” (CASTRO, 1957, p.41). Na relação do personagem com tais elementos exteriores, como em uma abiogênese de sentidos, surge um incômodo traduzido em

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“impaciência”, que, por sua vez, ganha corpo em um discurso, em uma reflexão que põe em jogo a memória. Assim diz o narrador:

Para distrair a impaciência e levado pela impaciência, o dr. Félix começou a pensar nas coisas tristes da sua vida, na sua vida inteira de coisas tristes: seis anos de estudos, de sacrifícios, de “média e pão com manteiga”, para se formar em medicina, para ser doutor. Para quê? Para levar chuva quase todo o dia, esperando os bondes hipotéticos da cidade do Recife, para ir ver nos subúrbios, pobres morrendo sem dinheiro para comprar comida, quanto mais remédio (CASTRO, 1957, p.42).

Portanto, em um certo sentido, o personagem se lança à interioridade em função da impaciência num duplo movimento (de fuga e de ser levado), sendo agente e agenciado pelos efeitos do espaço. Assim, podemos perceber, novamente, o aspecto de cumplicidade discursiva entre tempo e espaço, vez que a constância do espaço, expressa em termos da repetição (da fina chuva) e da permanente ausência (o não surgimento do bonde na paisagem) é o que parece justificar a inquietude do personagem. Logo, “para distrair a impaciência e levado pela impaciência” (CASTRO, 1957, p.41), Dr. Félix desvia o foco da exterioridade do tempo/espaço e se enfronha na memória.

A memória é por definição um espaço de possibilidades. Nela é possível retroceder, apressar-se ou ralentar-se. Entretanto, essa liberdade não é irrestrita, pois é contida, dentre outras coisas, por seu aspecto *topofrênico*, ao qual a memória não é indiferente. Por outro lado, se o espaço afeta a memória, para que ele consiga alcançá-la, é necessário que seja percebido, apreendido, pelo portador dessas mesmas memórias. Assim, num duplo movimento, o espaço é parte constituinte do elenco dos sistemas aparentemente objetivos, ao mesmo tempo que sua constituição se faz num processo que envolve não só pás e escavadeiras, mas também memórias e projeções. Poderíamos, ainda, confrontar o significado daquilo que seria “aparentemente objetivo” ao estado *bruto* da palavra. As aparências (ao lado das verdades e mentiras contadas) importam à História tanto quanto a matéria e a energia, pois, semelhantemente, dão movimento e conteúdo aos processos sociais. Assim, tão importante quanto compreender o caráter subjetivo do espaço é considerar o efeito de objetividade que se estabelece na percepção dos espaços pelos sujeitos. O espaço frequentemente realiza suas implicações ao parecer objetivo, bem como outros aspectos da vida cotidiana como sistemas políticos, financeiros e de produção, na construção de identidades nacionais, regionais, entre

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

outros fatores de coesão da realidade; noutras palavras, na integração da sociedade em torno de um sistema central de valores e poder (SHILS, 1992, p.10, 90).

Voltando ao seu caráter *topofrênico*, o espaço na qualidade de algo que afeta, gera também afecções, muda a cor do sentir, e esse sentir constrói o espaço e sobre o espaço. Nessa direção poderíamos dizer que a poeira d'água que cai no chapéu de Dr. Félix (e que caindo escurece sua matéria ao passo que anuvia o pensamento de quem o porta) surge primeiro nas memórias nubladas do médico para depois precipitarem. Igualmente, a impaciência (ao que se atribui o surgimento dessas memórias) só é impaciência porque sentida pelo portador das mesmas memórias. Por fim, esse personagem que lembra e se impacienta adquire sua identidade naquilo que lembra, de modo que algo da lembrança já existia antes da causa que a provocou. Em outras palavras, nesse enredo não só a memória é fruto da impaciência, como a impaciência é fruto da memória e ambas se encontram no terreno movediço que é o pensar do Doutor Félix, simultaneamente origem e destino.

Impaciência e impotência dão o tom do personagem no conto. A falta de liberdade do imaginar, tragada pelas memórias de uma “vida inteira de coisas tristes” aparece não apenas enquanto nota pessoal, mas também como ponte à impotência de um campo profissional. Afinal, como já lemos, “se formar em medicina, para ser doutor. Para quê? Para levar chuva quase todo o dia, esperando os bondes hipotéticos da cidade do Recife, para ir ver nos subúrbios, pobres morrendo sem dinheiro para comprar comida, quanto mais remédio” (CASTRO, 1957, p.41).

Mas, em que medida o drama de Dr. Félix se faz útil à compreensão do reencontro de Castro com o problema da fome? Como já dito, há uma riqueza de indícios de intenções biográficas nas ficções do autor. A semelhança de Dr. Félix, Castro também fora médico de fábrica e, da mesa forma, os dois concluíram que a doença que atuava sobre pacientes operários era, na verdade, mal de fome. Uma terceira semelhança se encontra no fato de que, como Félix, Castro fora demitido de seu trabalho na fábrica em função da reiterada denúncia que fazia da condição de desnutrição crônica dos operários. Esse conto seria, portanto, uma forma de retrabalhar o passado pelo autor?

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Na narrativa que Castro faz de si mesmo, em entrevista já citada, a experiência da fábrica desempenha um papel crucial no discurso sobre o seu engajamento mais amplo com o problema da fome (CASTRO apud MELO, 2007, p.43). Se o início da clínica é descrito destacando providências de natureza pragmática (a impossibilidade de assumir cargo público; a insipiência da “nutrição”; um aparelho de metabolismo etc.), ao se referir à experiência da fábrica o autor retoma a linguagem grandiloquente de seu apostolado contra a fome no mundo – mudança de estilo que nos inspira a supor ser esse um tema já pensado, elaborado. Esse é o momento escolhido por Castro como marco inaugural, instante em que caem as escamas para revelar a fome enquanto problema social. Fora isso, além da fronteira que continha a fome no campo da natureza, Castro rompe, também, a fronteira do local e da nação. Em suas palavras: “não era só do mocambo, não era só do Recife, nem só do Brasil, nem só do continente. Era um problema mundial, um drama universal” (CASTRO apud MELO, 2007, p.43).

Certamente importa considerar o distanciamento entre o início de carreira de Josué de Castro, no começo da década de 1930, e seu relato na entrevista de 1964; bem como as consequências disso para a precisão dessas memórias. Isso, sobretudo, se considerarmos que as duas datas são períodos particularmente disruptivos: a Revolução de 1930 e o golpe militar de 1964. Além disso, os dois processos tiveram consequências severas na vida pessoal e profissional de Castro – se em 1930 a Revolução rompeu a cadeia de influências que lhe possibilitaria um emprego público, em 1964 o golpe significou a destituição de cargo diplomático e o consequente exílio. Entretanto, também importa considerar que nosso interesse não é pelo ajuste do discurso, mas sim pelo amalgamento de sentidos que se processa nos encontro das memórias pessoais, embates regionais, produção científica e literária de Josué de Castro. O que sobra nos interessa, afinal, é desse/nesse caldo feito de restos que emerge o conceito do *manguebeat*, nosso interesse inicial – emerge não como uma coluna estruturada, mas na imprevisibilidade da disseminação de conteúdos vivos.

Voltemos, pois, ao início da clínica de Castro – ou ao relato desse início. A partir do exame desse momento de [in]definição profissional, ou na reconstrução dessa memória em momento posterior, é possível observar um aspecto dilemático na relação do autor com o campo da medicina. O primeiro dilema pode ser descrito como uma

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

percepção de oportunidades profissionais afuniladas para quem não dispusesse de boas relações sociais/familiares atreladas a recursos financeiros. Como dito, a ida de Castro ao campo da “nutrição” se fez no momento que “gora” a vaga em cargo público por certa cadeia de influências junto a intelectualidade pernambucana. E, ao que parece, Castro não dispunha de outras cartas nesse jogo de prestígios. Esse impasse faz coro com o solilóquio do doutor Félix:

Médico, profissão liberal. Lorota. Liberal para quem tem pai fazendeiro, capitalista, para pagar um consultório de luxo, para pagar anúncios nos jornais, para pagar os elogios dos amigos, para pagar as boas relações. Pai ou sogro, mas para quem começa no duro, sem encosto, qual profissão liberal... assalariado, classe proletária é o que é... (CASTRO, 1957, p.42).

Lembremos mais uma vez que os escritos de Castro (suas ficções, memórias, trabalhos científicos e, até mesmo, suas proposições de natureza ética) não tentam correr em estradas paralelas, mas deliberadamente se cruzam. Um fluxo de sentidos corre e atravessa esses diversos suportes. Notemos, por exemplo, que o tema da impotência repercute na fala da entrevista e no conto, significando tanto um sentimento pessoal de insuficiência, quanto uma percepção de debilidade da medicina em si frente ao problema da fome. Recordemos, também a epifania descrita acima em que ao ser demitido da fábrica (por suas denúncias à miséria dos operários) Castro extrapola espacialmente suas conclusões alcançando o caráter universal da fome. Portanto, se nos permitirmos uma imagem, Castro acorda Félix; se dirige ao ponto de espera dos bondes hipotéticos de Recife; chega à fábrica encharcado de chuva e distrações tristes; e, ao fim do dia, se dá conta de um drama/tragédia que tem por cenário o mundo e que o lança em suas cruzadas político-diplomáticas.

2.3 Do chão à pena

Ao lado do trabalho ficcional e das memórias pessoais, listamos o trabalho científico de Castro como a última perna da tripeça sobre a qual se assentou a narrativa de sua luta contra a fome. Nesse sentido, observemos o “inquérito sobre as condições alimentares do povo na cidade do Recife”, realizado em 1932 e publicado em 1935, sob o título de *Condições de Vida das Classes Operárias no Recife* (CASTRO, 1984, p.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

138). Primeiramente, notemos a significância dele enquanto texto inaugural da abordagem científica e social da fome por Castro. Isso porque, como já dito, ainda que pese a reiterada afirmação de que a fome surgiu enquanto tema em experiências infantis do autor, demonstramos que Castro passou a se dedicar profissionalmente à “nutrição” somente no início da década de 1930, ou seja, no período iminente anterior ao inquérito. Não pretendemos com isso afirmar que não “é verdade” que a inclinação pela nutrologia tenha surgido em Castro em suas incursões entre os famintos dos mangues de sua infância. Tão somente pretendemos demonstrar o aspecto contingente desse processo, sempre inacabado, provisório e reativo que é a narrativa de si. Portanto, é razoável imaginar que esse estudo compõe um esforço intencional de introdução e aprofundamento no tema, com grau de ineditismo não somente para uma área ainda insipiente, mas também para o autor.

Em segundo lugar, destaquemos a permeabilidade desse inquérito tanto em termos de campos quanto em escalas, uma vez que a capacidade de disseminação das ideias de Castro nos interessa. A esse respeito, Maria Yeda Leite Linhares, em apêndice biográfico à décima edição de Geografia da Fome, destaca o pioneirismo do inquérito de Castro e como ele servira de modelo para estudos que se estenderam até a década 1940 em outros estados, desembocando na fixação do salário-mínimo (LINHARES apud CASTRO, 1984, p.332). Há, ainda, um indício de que a repercussão desse texto tenha ultrapassado o ambiente científico. Isso, porque vemos-lo citado no manifesto assinado pela diretoria do Conselho Executivo dos Trabalhadores de Pernambuco na ocasião das eleições de 1958, que conferiu a Josué de Castro seu segundo mandato como deputado federal (MELO, 2007, p.64). Tendo por objetivo expressar a vontade de inúmeras organizações sindicais de Pernambuco, o manifesto ressaltava a contribuição no debate sobre o salário mínimo a partir do “1º inquérito sobre as condições de vida do trabalhador no Brasil, levado a efeito no Recife, em 1932” de Castro (apud MELO, 2007, p.65). Notemos que antes da referência à capital pernambucana há aí uma referência ao espaço mais amplo do país, provavelmente resultado do ineditismo e da repercussão nacional desse seu trabalho.

Ao que parece, a demissão e confirmação da impotência de Castro para alterar o estado de coisas dos seus clientes operários (falta que, como já demonstramos, ressoa

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

em seu conto) gerou o desejo de atuação em lugares institucionais que tivessem capacidade de transformar aquela realidade. Sendo assim, ainda que reconheçamos que o “início” é um recurso narrativo que sempre reserva algo de artificial, vemos esse momento como um marco da caminhada de Castro no sentido do engajamento por mudanças estruturais que garantissem o acesso universal à alimentação digna.

Na sequência do inquérito de 1932, Castro fez uma brilhante carreira em busca do caminho de volta à nascente que desaguava no trabalhador faminto, empenhando-se em pesquisas e em cargos políticos e diplomáticos: como a presidência do Conselho Executivo da Organização para Alimentação e Agricultura (FAO) da Organização das Nações Unidas (ONU), função que desempenhou entre 1952 e 1956. Nacionalmente, exerceu duas legislaturas como deputado federal, em incansável luta na defesa por segurança alimentar e pela reforma agrária. Foi, ainda, embaixador do Brasil na sede da ONU em Genebra de 1963 até ter seus direitos cassados pela ditadura militar.

Apesar de sua apreciável carreira, os escritos de Josué de Castro não receberam atenção proporcional a sua relevância nos anos que seguiram sua morte. A esse respeito, em biografia recente sobre o autor, Marina G. de Mendonça assevera que “evidentemente, esse esquecimento não ocorre por acaso” (2021, p.14). Para ela, a isso contribuiu o fato de o autor ter morrido no auge dos anos de chumbo da ditadura militar (em 1973, ainda exilado em Paris), bem como a resistência por parte das elites brasileiras em abraçar suas causas, sobretudo a defesa da reforma agrária.

Na mesma direção, a professora e bibliotecária Ângela Faria narra seu espanto ao descobrir *Homens e Caranguejos* (CASTRO, 1967) enquanto verificava o acervo da escola em que atuava na rede municipal de Juiz de Fora. Em sua dissertação, provocada por esse espanto, conta: “após a leitura da obra, procurei pesquisar sobre o escritor e fiquei estarecida com o meu desconhecimento. Como poderia uma geógrafa jamais ter estudado ou, ao menos, ter escutado falar em Josué de Castro?” (FARIA, 2008, p.12). Em resposta a essa indagação a própria autora lembra que se formou no período da ditadura militar, momento de censura de certos temas e autores. Apesar de anedótica, a experiência de Faria pode ser colocada em perspectiva, pois demonstra as transformações nas condições de circulação dos textos de Castro. Sobre esse encontro com o autor, Faria relata:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Felizmente, *Homens e caranguejos* foi reeditada e disponibilizada pelo Ministério da Educação como material de leitura para os alunos da rede pública. E em 2004, a Fundação Banco do Brasil e a Petrobrás enviaram para as bibliotecas das escolas municipais, um vasto material sobre grandes nomes brasileiros, entre eles, Josué de Castro (FARIA, 2008, p.13).

Notemos que o anteriormente autor exilado nesse momento recebe apoio de empresas com vínculos estatais e mesmo esforço ministerial para viabilizar sua circulação. Portanto, não foi por acaso que a autora se deparou com aquele livro naquela biblioteca e não em sua formação nos anos de chumbo.

Se o autor engajado em temas como fome e reforma agrária podia ser redescoberto nas estantes de escolas públicas do país em um período democrático com um reforço de permeabilidade talvez relacionado ao governo do Partido dos Trabalhadores, em Recife as palavras de Castro teriam voltado do exílio pelo menos desde a década de 1990.

3 A REDESCOBERTA DE CASTRO

Voltemos à entrevista do músico Otto no programa *De lá pra cá* na TV Brasil; quando ele é instado pelo apresentador a falar mais sobre a influência de Castro na música “de vocês pernambucanos”, responde:

Lá em Recife teve essa coisa do... tem um ciclo da merda do homem e do caranguejo também que é muito interessante. Isso aí pra mim já era uma coisa assim já... já é um fato assim, que era o caranguejo que comia... o homem da palafita, o homem ... cagava o caranguejo comia, o homem comia o caranguejo... quer dizer, e eles viviam desse ciclo natural. Daí pronto, quando você pensa no mangue lá no nosso movimento, assim, pra coisa enraizar... (OTTO, 2021)

Otto se refere ao *ciclo do caranguejo*, conceito que Castro costura para dar conta da relação de sobrevivência das populações ribeirinhas nos mangues de Recife. Nessa noção, há um destaque para a circularidade de matéria orgânica por meio da alimentação e da decomposição naquele ecossistema. Dito de outra forma, os caranguejos (que viabilizariam a vida da população ribeirinha, servindo-lhes de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

alimento) se nutriam daquilo que encontravam nas lamas do manguezal, que, por sua vez, eram, em parte, compostas pelos dejetos dos ribeirinhos.

Em *Geografia da Fome*, ao tratar da histórica carência proteica na alimentação de grupos periféricos da região Nordeste, fato ainda observado pro Castro em sua época, o autor menciona o *ciclo do caranguejo* (CASTRO, 1984, p. 147). Ao mencioná-lo, diz ter trabalhado longamente o mesmo conceito em outro texto, a saber, em *Documentário do Nordeste* (CASTRO, 1957). O que nos chama atenção nessa declaração é que, diferentemente do que ocorre em sua geografia, nesse livro, o *ciclo do caranguejo* não é abordado em linguagem “científica”, mas em forma de conto. Isso reforça nosso argumento de certa promiscuidade – no melhor dos sentidos – entre a literatura e ciência em Castro.

Posteriormente, no prefácio de *Homens e Caranguejos*, o autor faz novas referências a esse conceito, numa delas servindo, inclusive, de título alternativo para o romance, assim chamando-o de “O Romance do Ciclo do Caranguejo” (CASTRO, 1967, p.25). Segundo o jornalista José Teles, *Homens e Caranguejos* teria sido o único livro de Josué de Castro lido por Chico Science, a quem ele próprio teria apresentado o autor (TELES, 2012, p.258). Portanto, provavelmente a conceituação sociológica do médico pernambucano tenha chegado aos *mangueboys* mediado por sua obra literária. Assim, refazendo essa ‘linha hipotética’ de um conceito que “nasce” na geografia de Castro e chega na fala de Otto, vemos novamente exemplificado o regime em que se dava a disseminação desses conceitos no seio do movimento. Ainda mais, consideremos que o que chamamos de ‘linha hipotética’, o caminho percorrido pelas ideias de Castro, nos serve antes de recurso explicativo, mas não é capaz de conter o indescritível fervilhar dessa rica disseminação. Dizemos isso não simplesmente por considerarmos a natureza incerta da linguagem (ainda que ela exista), ou por uma descrença no sentido. Antes, buscamos compreender como esses conceitos caminharam nas estradas, cruzamentos e atalhos pavimentados pelas características próprias do nosso objeto. Ou seja, não em fuga da tarefa da análise, mas, ao contrário, encarando de frente seus dilemas e tentando melhor compreender esse processo é que levamos em conta a opção desse movimento pela “desorganização”.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Havia no manguebeat uma intencionalidade conceitual que apontava na direção contrária de uma ambição por coerência. Intencionalidade, não plano. Para ilustrar esse raciocínio, e ficando em poucos exemplos, lembremos que a empresa realizada pelos *mangueboys* era por vezes definida como uma “brincadeira levada a sério”. Ou, recordemos ainda sentenças tais como “da lama ao caos”, ou “desorganizando posso me organizar” (CHICO, 1994) as quais, apesar de requererem um exame mais cauteloso, em primeira leitura já apontam para uma cumplicidade entre desordem e sentido. Além do mais, o simples fato de estarmos falando em um objeto artístico nos leva a considerar as distinções em seu fluxo de informações, em comparação ao que ocorreria em ambientes de regras mais explícitas e restritas – sem desconsiderarmos, naturalmente, que há campos de criação com regras explícitas e restritas.

Para falar sobre Castro, Science não precisou realmente conhecer seus principais textos; não fez citações diretas com a pretensa fidelidade à ideia “original”; não fez referências a suas obras. Tão somente deixou fluir aquilo que em sua arte a leitura de *Homens e Caranguejos* fez ressoar; no vocativo “ô Josué” da letra de “da lama ao caos” o chamou sem cerimônias pelo primeiro nome; fez crescer a imagem do homem caranguejo, esse ser que de tanto viver ao lado dos crustáceos e compartilhar seu hábitat, ingerir sua matéria, partilhar de sua angústia da fome, passa também a agir como o animal (CASTRO, 1967, p.19). Assim, o mangue enquanto elemento topofrênico une as experiências distintas do médico e do músico. A paisagem do estuário, enquanto veículo desse encontro, fez transitar o aspecto geocrítico dos escritos de Castro metamorfoseados em imagens literárias propícias à apropriação criativa de Science e demais *mangueboys*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, analisamos textos e falas de Josué de Castro relacionadas a sua inserção no tema que serviu de ponto síntese de toda sua atuação política e científica, a fome. Nesse sentido, confrontamos dados de sua atuação profissional com textos ficcionais e conceitos científicos no sentido de observar os entrecruzamentos desses conteúdos. Além disso, refletimos sobre as condições de circulação desses

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

conceitos, como o pano de fundo do período de repressão da ditadura militar, bem como a “volta do exílio” de seus textos em período democrático.

Uma vez traçada as linhas gerais do vínculo e circulação do tema da fome em Castro, passamos a refletir sobre o modo de disseminação desses conteúdos no manguebeat. Para isso, partimos de duas premissas. Primeiramente consideramos o pressuposto de que a entrada de Castro como conteúdo intelectual do manguebeat se deu por vias da leitura de Science de *Homens e Caranguejos*, o texto ficcional de maior esforço de Castro. Em segundo lugar, consideramos o impacto das peculiaridades do movimento na leitura e disseminação dos conceitos de Castro, tal como sua opção estética e conceitual pela noção de “caos”. Com isso concluímos que a disseminação de tais conceitos se deu através de um duplo processo em que Castro retrabalhou suas categorias geográficas em imagens ficcionais, ao passo que o manguebeat, na figura de Science, se serviu dessas imagens num processo de criação que não tinha por objetivo a fidelidade à ideia inicial do autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987

CASTRO, Josué de. **Documentário do Nordeste**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. 10. ed. Rio de Janeiro: Antares, 1984.

CASTRO, Josué de. **Homens e Caranguejos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. **Da lama ao caos**. Rio de Janeiro: Chaos/Sony Music, 1994.

DERRIDA, Jacques. **La dissemination**. Caracas: Fundamentos, 1997.

FARIA, Ângela. **Homens e Caranguejos: uma trama interdisciplinar**. 2008. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

MELO, Marcelo Mário; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (orgs.). **Josué de Castro**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2007 (Perfis Parlamentares; n. 52).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

OTTO fala sobre Josué de Castro. [S. l.: s. n.], 2008. 1 vídeo (3min). Publicado pelo canal Kwashioskor. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=9mxU18oW_y4>. Acesso em: 9 abr. 2021.

SHILS, Edward. *Centro e periferia*. Lisboa: Difel, 1992.

TALLY, Robert. Mapeando a Literatura. **Topus**. Uberaba. v 4. p. 02-15, Jan./Jun. 2018.

TELES, José. **Da lama ao caos**: que som é esse que vem de Pernambuco? São Paulo: SESC, 2019. E-book Kindle.

TELES, José. **Do Frevo ao Manguebeat**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.